

# ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA



FIO PERDIDO

(Fot. de Ilydio Gama)

Braga, 10 de Março de 1928

DIRECTOR E EDITOR,  
*Joaquim Antonio Pereira Villela*

NUMERO 314 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA  
DA «*Ilustração Catholica*», L.<sup>da</sup>

Composta e impressa na «PAX», LIMITADA — Braga



## Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

### PORTUGAL :

Ano. . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

### COLONIAS :

Ano. . . . .	64\$00
Semestre . . . . .	32\$00
Trimestre . . . . .	16\$00

### ESTRANGEIRO :

Ano. . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

Automoveis e  
Camionetes

# Rugby

Os carros preferidos pela sua elegancia e  
modicidade de preços

STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



## BRAGA

### LIMA, FILHO & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>

Grandes Armazens da Caixa de Crédito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56

Telefone 31 (1.º andar)

:: BRAGA ::

Operações de Credito — Compra e venda de todos  
os artigos — Ourivesaria e Relojoaria  
Deposito de Maquinas de costura. Fazendas de  
lã e algodão, fato feito etc. Especialidade  
em CAPAS ALENTEJANAS

### Tintos para Igreja

147 — Rua da Cruz de Pedra — 151

BRAGA

A mais antiga tinturaria de Braga, usando  
dos processos mais modernos, presta-se a sa-  
tisfazer qualquer encomenda para tingir quais-  
quer objectos proprios para Igreja, tais como,  
paramentos, cortinados, etc. Tambem tinge  
vestidos de senhora e fatos para homem. Sa-  
tisfaz qualquer encomenda pelo correio.

Pedidos a Manuel José Gomes, Sucessores





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

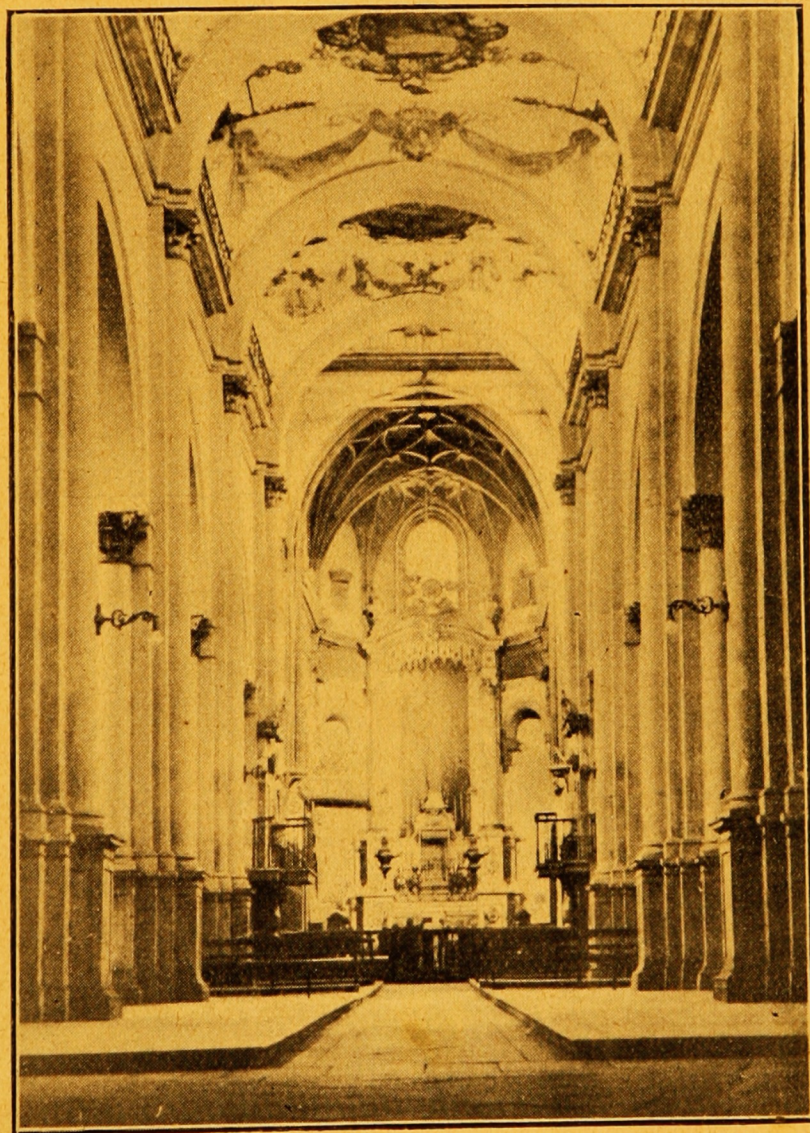
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 10 de Março de 1928

Composta e impressa na «PAX», LIMITADA  
BRAGA

Anno VII — N.º 314

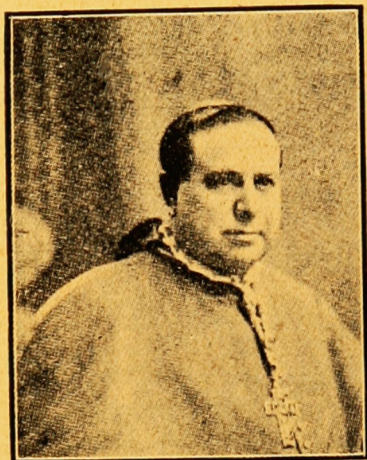
## BRAGA



A nave Central da Sé Primacial



QUEM chame a Portugal «Terra do Santíssimo Sacramento» não andará longe da verdade tanto se lhe apropria esse epíteto entre muitos que lhe cabem à maravilha. A devoção caracterizadamente portuguesa é a do Santíssimo Sacramento; transmitiu-lha Braga, metropole religiosa de todo o país; Braga, centro politico da Galiza,



Dr. Manuel de Castro Alonso,  
preconizado arcebispo  
de Burgos.

era por isso mesmo um centro eucarístico, que ainda hoje a Galiza ostenta heraldica representação do Sacramento nas suas armas regionais, e já no século IX conhecia a exposição visível da Sagrada Hostia, entre nós conservada, até ha pouco tempo, nos ritos de Quinta-feira santa, a primitiva festa de Corpus Christi, o «Natale Calicis» dos antigos sacramentarios.

E tanto se compenetrrou Portugal deste timbre eucarístico que, tendo os mestres seus santos padroeiros, os agricultores os não tinham; as suas promessas eram sempre *ao Senhor*, e regra geral em pão, em vinho, em azeite, por uma felicíssima influencia litúrgica, porque o pão e o vinho são a materia do rito sacrificial, e o azeite alimenta deante do Tabernaculo um perene sacrificio de luz, prestado pela humanidade iluminada à Luz increada que ali habita misticamente.

Pois Braga, iamos a dizer, mas desviaram-nos estas divagações, começou agora a sua grande festa de Corpus Christi, que ocupa nela todo o periodo quaresmal. Iniciada

na Sé, em quarta-feira de cinzas a solene exposição eucarística, na Sé terminará em domingo de Páscoa, com esse convite terrífico «Rainha dos céus, alegrai-vos» que em tão festivo dia servirá, por interessante concessão ritual, de hino eucarístico precedendo a benção do Santíssimo. E entre esses dois elos que prendem à Sé metropolitana a devoção bracarense, o lauspere-ne passa por todas as capelas e igrejas da cidade, e transforma assim a grande quadra da instrução religiosa numa continua festa de *Corpus Christi*.

E com superior razão. Se Deus quer ser honrado com um culto, não é com vagos sentimentalismos de inspiração privada: é com aquele culto que Ele proprio determina, e a Igreja regula. O officio divino tendo, como ponto central, o Altar onde se cumpre o Sacrificio divino, o Altar de cuja plenitude recebe todo o povo cristão. Isolar do Altar e da lembrança do altar o culto eucarístico é que não faria sentido. Mascarrar o altar com adornos postiços, de artificialismo, seria incongruente.

A pedra sagrada representa o proprio Jesus Cristo, que sobre ela se produz misticamente na lembrança da paixão. O altar



Lord Asquith, célebre politico  
inglês, recentemente falecido.

da Sé de Braga, cujo frontal, de precioso labor, tem a figura de Cristo ressurgido, rodeado de todo os apóstolos, é como que um compendio de toda a teologia sacrificial. Cristo, rei do mundo por premio e consequencia da Paixão, firmando nos Apóstolos a sua Igreja, e assim perpetuado até ao fim do tempo o seu infavel sacrificio.





AQUI, na minha região, às abas do Porto, em pleno campo ribeirinho, encostado ao mar e ao fundo negro dos pinhais que dão pitoresca magestade a este longo verdejar de campos e courelas, tem surgido, como por encanto e em guerra aberta contra o gaiolão-chalet que tanto desfeia a nossa admirável paisagem campezina, um novo modelo de construções simples mas nem por isso desprovidas dum certo gôsto artístico, e desvanecidos resaibos de estilo.

Predomina na linha do conjunto um certo ar da arquitetura pombalina no requebrar artozoadado das janelas e portadas onde já por vezes aparece a graça fradesca dum crivo e a sombra amiga dum alpendre.

Dos telhados desapareceu a pendência aguda dos *cottages* e se a marselha irritante, vermelha ainda, gritando na unidade de paisagem, já vem morrer na linha discreta dum beiral mourisco, arquirufado, quasi sempre, na boa moda de antanho.

Este facto digno de todo o elogio e que constitui uma adorável reacção contra as novas monstruosidades arquitetônicas que enxameam na provincia portuguesa, — esse solene máu gôsto de pseudos-chalets, com empenas embrincadas, paredes listadas de vermelho e cães de loiça nas portarias, — aqui se nota com mais frequência, em singular contraste com as construções dos subúrbios que persistem na *scie* uniforme de semelhante gaiolada. É aqui somente num escasso perimetro de alguns quilómetros que esta nova fórma de construir já impera e que tempos volvidos, mercê da imitação, — qualidade em que o homem é fértil mesmo quando desmente *Darwingnianas* teorias, — terá modificado o aspecto de toda a região.

Deve-se isto em parte aos mestres de obras locais que são como desgraçadamente em todo o Portugal os *arquitetos* preferidos e que impõe mercê do hábito e de imitação, na sua localidade um certo máu gôsto, uma certa arte, tão impensadamente como os seus camaradas fazem propagar noutras regiões os mirifinos exemplares de patetice e máu gôsto que são, nunca é demais repeti-lo, o horror de uma paisagem campina e por vezes a pobreza de algumas cidades até. Ora não é desinteressante profundar um pouco nas razões íntimas deste facto singular, para esclarecer um dia este processo de construir que ha-de alastrar e marcará a sua época, terá o seu nome próprio, que eu, em homenagem à verdade, ousou chamar, desde já, o

*mirandismo*, postrando-me reverente ante a memória desse verdadeiro artista, a quem se deve esta profunda e simpática transformação.

E *mirandismo* lhe chamo, porque a Alvaro de Miranda, o malogrado e bisarro decorador que tanta maravilha criou, a arte ficou devendo inapreciáveis serviços e a região que habitou e onde fizeram escola os seus processos, o seu gôsto, a sua visão *raffinèe*, a sua maneira pessoal mas artistica de sobre motivos verdadeiramente portugueses fazer uma obra apreciável do renascimento e de beleza.

Esse claro espirito duma maleabilidade artistica admirável, *doublè* dum *savoir vivre* de verdadeiro *gentleman*, recolhendo-se um dia à sua casa da Granja que soube encher de maravilhas, dedicou-se à restauração do velho mobiliário português então disperso ao desleixo no escuro dos sotãos e palheiros, e conseguiu criar operários, educá-los, incutindo-lhes um certo gôsto artistico, fazendo assim escola dos quais os desgarrados efeitos, mesmo fóra de sucessão directa, se vem notando nas interessantes construções que hoje povoam esta região.

Conhecendo como poucos o século XVIII, deslumbrador de magnificência e de beleza, Alvaro Miranda foi ainda um grande decorador, com uma visão exacta, um gôsto certo, um não sei que até, de sciência scenográfica, que dava aos seus interiores um aspecto artistico de admirável beleza.

Deixou na Granja algumas construções que atestam o seu gôsto e o seu talento artistico, como centenas de casas, por esse país fóra, ostentam nas suas decorações interiores o bom gôsto desse artista illustre, que sobretudo legue à sua terra a par de algumas obras interessantes, uma legião de operários desanuviados da rotina e com uns certos resaibos de sentimento artistico.

O mundo vai sempre em Alvaro de Miranda um *blagueur* e um *bric à brac* apenas eu obstinei-me sempre em considerá-lo um artista e mesmo depois de morto lhe rendo aqui o meu justo preito, salientando que o *mirandismo* é alguma coisa de bom na vida artistica portuguesa.

Paz à sua alma e glória à sua obra.

José de FARIA MACHADO.



## Bendita a Chama do Lume...

Ao meu dedicado amigo Dr. Bento Caldas

Bendita a Chama do Lume,  
o lar do humilde alegrando,  
com seu calor e perfume...

E seja bendita, quando  
o frio e intenso negrume  
da noite, vai apagando.

Bendita a ideal mensageira  
da Paz, a quem a procura,  
ao fim da árdua canseira.

Na vida simples e obscura,  
do fogo do lar à beira,  
ali, se topa a ventura!

O' lume de oiro surpreso  
na clara, doce harmonia  
dum tronco que foi acêso,

E ainda há pouco floria,  
com virtude e sem desprêso  
em sã e honesta alegria!

Eras árvore robusta  
no bosque verde e... cantavas,  
a tua graça venusta.

E as ervas, tuas escravas  
da chama do sol adusta,  
com tua sombra, as guardavas?

Noiva de formas louçãs,  
cantando, à aragem subtil,  
divinas canções cristãs!

Que pompa e ar senhoril  
vestias pelas manhãs  
enamoras de Abril!

Então, poisavam maviosas  
nos teus ramos, aves raras  
como as abelhas nas rosas...

Como o sol poisa nas searas,  
ou, as bôcas sequiosas,  
na água das fontes claras!

Do mal vivias liberta,  
ativa, serena e forte  
à nova luz que desperta.

Mas veio—que infausta sorte!—  
um dia e tu, descoberta,  
foste nos braços da morte!

Em sacrifício te deste  
—alto, formoso destino!—  
Ouviu-se um côro celeste...

Ressoou a voz de um sino.  
Eras um berço e acolheste  
no seio teu, um menino!

E foste: arrumo da casa,  
cadeira, o leito e a mēsa,  
e bênção, donde extravasa

em tanta humilde pobreza,  
o conchêgo de uma brasa  
numa noite de tristeza...

O tecto, simples e pobre,  
por teu amor se alevanta,  
por êle também nos cobre.

O' árvore sacrossanta!  
do muito bem que te sobre  
melhor, nenhum o suplanta!

Bendita sejas nesta hora  
e sempre, em minha lembrança,  
ó corpo feito de aurora,

O' alma feita de esperança!  
Bendita, sempre e agora  
ó arca da nova aliança!

O' chama de oiro bendita  
o lar enchendo ao redor  
de luz, de paz infinita...

Bendiga-te o cavador,  
invoque-te a alma aflita  
do meio da sua dor!

.....

...Cheia de graça infinita...  
ó sempre cheia de amor!

1928.

*Arnaldo Bezerra.*







# QUADROS DE LISBOA

© violinista Mischa Elman

JÁ hoje a nossa capital tem a visita de celebridades que em grandes centros de arte, conquistam aplausos e ovações. A *Sociedade de Concertos de Lisboa*, fundada pelo grande pianista Viana da Mota, tem escurituro para os seus lindos serões instrumentistas varias peças que, além fronteiras, têm nomes consagrados.

Desta forma Lisboa, já não é a cidade de antigamente, que apenas tinha bôa musica sômente na cultura da opera lirica quando estava aberto o *teatro S. Carlos*. Hoje infelizmente por varias razões, nem tivemos *S. Carlos*, mas como temos além de antigamente, *concertos sinfonicos* e varias *sociedades artísticas*, vamos ouvindo, de vez em quando, artistas estrangeiros, que são um pouco de consolação à nossa alma musical.

Desta vez a empresa do *teatro S. Luiz*, que na serie dos concertos orquestrais dirigidos pelo *maestro* Pedro Blanch, tem sido pouco feliz em materia de exito, tanto em bôa arte como em concorrencia de publico, lançou mão do bem conhecido violinista Mischa Elman, que tendo que dar alguns concertos em Barcelona, seria facil dar um passeio a Lisboa, tocar em dois concertos e ganhar a modica quantia de 22 contos!

Lisbôa, em materia de violinistas notaveis, tem ouvido, nestes ultimos anos, os melhores, apenas lhe falta ouvir o grande Kreisler, mas este paga-se por 90 contos cada recital!

Mas afóra este, temos admirado os talentos de *Sarasate*, *Isaye*, *Thibaud*, *Vecsey*, *Rubebck*, *Kochauskó*, *Gelly Aranyi*, *Heifetr*, e outros.

Agora coube a vez do jovem violinista Mischa Elman.

De ha muito que o seu nome me era conhecido atravez dos criticos estrangeiros e pelos *discos* de gramofone. Por isso quando o comecei a ouvir e notar-lhe certos defeitos, recordei-me de uma passagem publicada a seu respeito no *Monde Musical*, escrita

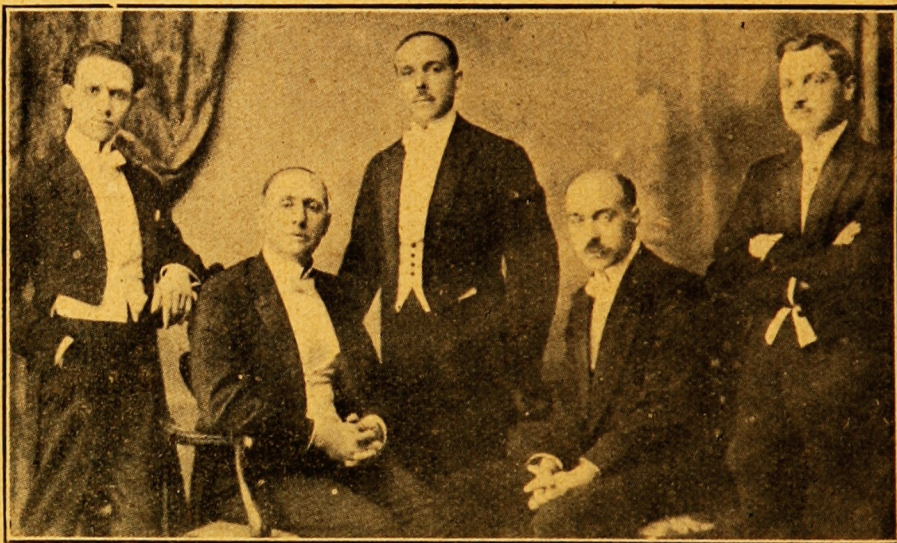
por Pincherles, que disse ser um grande e notavel artista dentro da serie das suas qualidades e fraquesas.

E' claro que os nossos jornais trataram de escrever as criticas mais elogiosas, demais sendo um artista estrangeiro... emfim modos de ver de que jamais poderão estar de acôrdo.

Começou o seu primeiro concerto com a *Sonata em mi maior* de Haendel.

Romantisam-a tanto que lhe tirou todo o perfume classico. Depois no *adagio e fuga da sonata em sol menor* de Bach, abusou da grande arcada no *adagio* e na *fuga*, transtornou ao seu belo prazer, o andamento.

Mas estes defeitos não impedem que se-



PORTO—SOCIEDADE DE CONCERTOS DE MÚSICA DE CAMARA

Afonso Valentim, (viola) Carlos Dubbini, (1.º violino) dr. Luiz Cabral, (piano) José Gouveia, (violancelo) e Alberto Cerqueira, (2.º violino).

ja um artista de notavel tecnica e de livre som, atravez do seu *Stradivarius*.

Na *Sinfonia hespanhola* de Lalo, e nos pequenos trechos de sala, como *Tambaurin*, de Leclair, *Nocturno* de Grieg-Elman e na *Paloca* de Wieniawsky agradou-me por completo, pois apresentou um fino frasear.

No segundo concerto foi com a orquestra Blanch. Tocou o *Concerto* do russo Trchajkowsky e o bem conhecido *concerto* op. 64 de Mendelssohn. Nestas duas obras, manteve-se esplendido.



As ovações foram tantas que tocou, extra-programa muitas peçacinhas, com geral agrado.

Entre outras executou o *canto de Walter dos Mestres Cantores* de Wagner, *Pernes e variações* de Carelli-Kreisler, *Capricho* de Wieniowski e um *Nocturno* de Chopin. Ao piano o artista Von Gool.

Sobre este *Nocturno* tenho que lhe fazer alguns reparos. Tocou-o todo com *surdina*, para efeito de publico e de maior facilidade na sonoridade!

Não deve ser assim; sem *surdina*, como

o executam os mestres do violino, afim de se poder avaliar a afinação e o equilibrio do arco.

Mas todos gostam e o artista vai-lhes fazendo a vontade!

Isto de elogiar tudo que o estrangeiro nos dá, corre o risco de se rirem de nós!

Apenas nos deu dois concertos, indo logo para Madrid.

Agora esperamos entre outros, o compositor e pianista Ravel.

Lisboa — Fevereiro.

ALFREDO PINTO «SACAVEM»



## ○ Elogio da Serra

Já tereis vós ouvido por ventura cantar as belezas da Serra?

Não, por certo.

Canta-se a suavidade idilica do vale umbroso, a poesia violenta da campina, a serenidade verde dos bosques verdes, o misterio suggestivo do mar azul cobalto, «de escamas de oiro e vultos de sereia» os areais reluzentes do deserto, a magestade augusta e serena da montanha.

Não sabemos de quem, poeta ou pintor, que haja cantado, no ritmo colorido do verso ou no ritmo sonoro da côr, a beleza melancolica e humilde desses descampados de altura, onde os ventos e o sol não deixam sequer medrar a rama verde e alegre das arvores, luzir a graça viva de uma flor, cantarolar por entre os rochedos enegrecidos a vozinha esperta de algum arroio tagarela.

A triste serrania, onde a natureza parece despojar-se de todas as suas galas, nunca ninguém a cantou, pobresinha!

Reclus, o escritor inegalavel que tão bem sabia pintar fisionomias de paisagem, dando-nos no seu admiravel livro *Montanha* a mais viva e fulgurante descrição dos scenarios largos e nobres da paisagem montesina, desde os rochedos agrestes onde se gera a riqueza dos metais aos despenhadeiros sem fundo, desde os montes iluminados da mais pura e moça luz aos vales calados e airosos onde

cachoam e resplandescem as aguas nadas da rocha, não tem para a Serra, que é por assim dizer o esqueleto da Montanha, uma palavra mais longa, não diremos de louvor mas ao menos de dó. Michelet não a exaltou na sua prosa luminosa e musical, Ramond, a quem Saint-Beuve chamou o pintor dos Pirineus, apenas soube erguer o seu hino



SERRA DA ESTRELA — Um aspecto da serra, árido e nú, em dia de trovoadas

(Fot. de Eduardo Correia)

fremente à altaneira, heroica e religiosa montanha e Joaquim Lopes nunca volveu para a terra, seus olhos de enamorado poeta. E' que as nossas pupilas procuram sempre em tudo, desde a vida à natureza, só o que seja grande ou agradável. Egoistas como a nossa alma, os nossos olhos, quando se vol-



tam para o espectáculo da paisagem, o que nela buscam, por este instinto sensual da forma exuberante e da beleza forte, é a sensação nervosa dos seus aspectos, o prazer por assim dizer quasi casual da linha e da côr. Por isso mesmo o que nós amamos na paisagem é o gosto estético, a riqueza de colorido, o recorte scenográfico, a variedade de tons, o imprevisito, o inconstante, o inesperado.

Amamos o azul do céu, mas queremos vê-lo repousar como azas de infinito, que



*Claudio e Antonio Correia de Oliveira Guimarães*

Distintos colaboradores da «Ilustração Católica»

cançam de o ser, nos pincaos altos dos montes, que vão subindo, subindo na paisagem, como verdes gestos de uma terra que se enamorou do azul e ficou presa eternamente ao encanto maravilhoso da sua luz.

Amamos a Natureza, mas queremos que essa natureza nos prenda e atrace a si, nos fale de sentimento e sonho, nos enleie no misterio da sua beleza inconsciente, com o profundo encanto duns olhos em que a nossa alma vislumbre o segredo de outra alma!...

Cantamos os bosques verdes porque eles nos oferecem a sombra amiga das suas arvores ou a musica gorgeante dos seus ninhos; os vales umbrosos, pela frescura idilica dos seus povoados ou pela graça ma-

neirinha dos seus campos; os mares pelo desdobrar languido e voluptuoso das suas vagas ou pela cadencia heroica do seu murmurio; os rios, pela beleza macia e feminina das suas aguas de prata ou pela toada chorosa dos seus alcatruzes.

E a terra é tudo o que há de mais despojado de atavio, de colorido, de graça.

Lembra uma mulher feia. Já ouvistes vós porventura cantar a beleza de alguma mulher feia? E contudo, La Bruyère que o diga, é nas mulheres desprovidas de formula fisica que a maior parte das vezes se toparam os mais formosos espiritos.

Perdoem-nos as mulheres bonitas da nossa Terra esta irreverencia, falha de galanteria, mas levem-na à conta, por favor, do erudito e subtil filosofo francês.

Pois nós amamos a triste terra exactamente pelo que ha nela de rudez e miséria, de tristeza e fealdade. Amamos a humildade de tudo o que é pobre e esteril. Amamos a tristeza de tudo o que os outros não amam.

E como diz um grande poeta, para a Montanha, ante o teu altar ajoelhamos, contritos, ó terra humilde e desolada, que na tua virgindade agreste, és pura e simples como uma donzelinha nubil.

CLAUDIO E ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA GUIMARÃES

## Dever de corteção

O monte Gunlo é uma pedra célebre na provincia de Junnan, no imperio da China, formada por mãos da natureza em figura de nariz humano, com duas cavernas em logar de ventas; em uma, ha uma fonte fria, e em outra, outra quente. Todo o aulico se ha de fazer por arte, como de pedra na paciencia, e imobilidade affectada, como nariz na astucia e sagacidade para tomar os ventos. E conforme o principe está irado, ou pacato, zeloso ou remisso, assim ha-de falar-lhe quente, ou frio. E se não gosta, nem de uma, nem de outra coisa, então tempere os registos das duas fontes um com outro, como se faz nos banhos.

## Temas classicos

Para se fazer um edificio ou fabricar uma torre, não se lhe dá principio pelos telhados, nem se começa pelas grimpas e zimborios, mas pelos alicerces; os quais se abrem, cortam, e fazem conforme a maquina que sobre elles se ha de fabricar.

Assim o sabio mestre acomodará a doutrina à medida da idade do aluno, e o exercicio à potencia e forças, não fundando sobre barro estatuas de bronze, nem sobre areia grandes maquinas; antes de maneira irá com o prumo na mão, que sempre seja menos o ensino do que a natureza poder, para que com maior doçura e menos trabalho se lhe applique o discipulo.



# CRECHE DE BRAGA Um sarau de arte em seu benefício.

Para ocorrer às mais instantes necessidades da Creche de Braga — disse já a nossa «Ilustração» que se preparava uma festa em seu benefício. Essa festa, um lindo sarau de arte, efectuou-se realmente no Teatro-Circo, em 3 de Março corrente, e foi esplêndida. Merecia-o pela sua tão simpática finalidade; merecia-o pela dedicação daqueles que a realizaram; mereceu-o e primorosamente, pelo desempenho formosíssimo dos seus quadros animados e comédias.

Dirigido pelo sr. Barão de S. Lázaro, uma alta compleição artística, com habilidade memorável para os segredos da scena, o Grupo Scénico que interveio nessa festa, com um equilíbrio pouco vulgar, e que às vezes não se encontra entre profissionais que só vivem en-



*Cónego João Cândido de Novais e Sousa*  
Director da Creche de Braga

tre as luzes da ribalta. O formosíssimo desempenho da comédia «Flores que se desfolham» — uma peça lindíssima, de suave romantismo, delicada espiritualíssima bastaria para consagrar um elenco dramático.

E' de acrescentar que os cenários, formosos na verdade, acrescentaram imponência e brilho à festa. Foram obra do sr. José Luís Brandão, que também dirigiu, com proficiência e indumentária, dando um relevo extraordinário ao quadro «Figuras de Velazquez» esplêndida visão romântica da Renascença, um engraçadíssimo recorte infantil ao «Despertar dos bonecos», brinquedo espirituoso com diálogos de Júlio Dantas, e uma inconfundível magestade mimosa quadro medie-



*As criancinhas da Creche.*





*D. Carlota Paes de Sande e Castro*  
a «Teresa» das  
«Flores que se desfolham»



*D. Maria Candida Peixoto  
Vieira de Araujo*  
a «Maria dos Anjos» das  
«Flores que se desfolham»



*D. Maria do Carmo de Magalhães  
Queiroz de Azevedo*  
a «Clotilde»  
da peça «Não tem titulo»

val «A Princeza Amarelinha», escrito de propósito para a festa pelo ilustre poeta Correia de Oliveira, que nele teve uma verdadeira apoteose.



Os bailados, que foram dirigidos pelo sr. dr. Domingos Afonso, e entre os quais há a notar não só a Pavana com música de Ravel, «Pavane pour une Infante defunte», mas



*Dr. Antonio Abranches de Lemos  
e Meneses*  
o «D. Fernando» das  
«Flores que se desfolham»



*Dr. Domingos de Araujo Afonso*  
Ensaaiador dos bailados



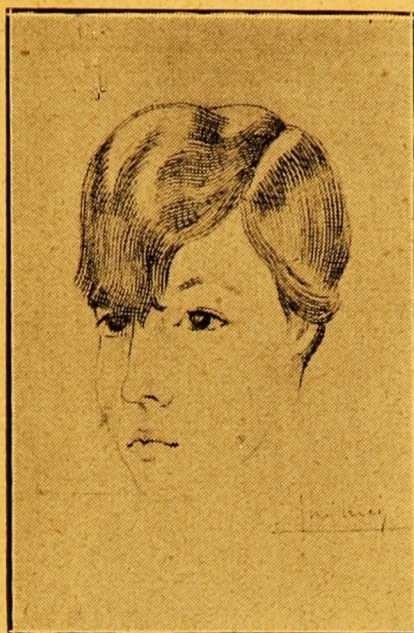
*Barão de S. Lazaro*  
Organisador da récita e ensaiador  
do grupo scenico





Manuel Araujo

o «Jorge» das «Flores que se desfolham»



D. Maria Judith Pereira de Castro

a «Condessa» das  
«Flores que se desfolham»



José Luiz Brandão de Carvalho  
Director artístico  
e scenografo da festa



também o «Charleston» dos bonecos, deram da mesma forma um relevo excepcional aos quadros desempenhados.

O salão de espectáculo do Teatro-Circo de Braga é de magestosas proporções e elegante aparato. Nessa noite memorável, estava literalmente cheio, e até com a lotação forçada em não poucos camarotes, e o seu brilhantismo era muito excedido pelo da assistência brilhante e luxuosa que lhe deu o aspecto de uma récita de gala. E era-o. gala das almas, sobretudo, que era prestimoso e oportuno o fim da festa.

O governo associou-se aos beneméritos fins da sua organização: enviando ao sr. Cónego Novais e Souva, director desvelado da Creche, e por intermédio do sr. Governador civil, um donativo de 30 contos. Com a proximada quantia que o sarau haja produzido, as obras da Creche terão um novo impulso.

O nosso maior desejo é

que este movimento agora iniciado em favor de tão simpática instituição se aumente cada vez mais e lhe permita atingir um completo desenvolvimento.

\*

Na festa foi cumprido o seguinte programa:

PROLOGO, em verso, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. José Luís Brandão de Carvalho.

FIGURAS DE VELAZQUEZ, quadro animado. — Bailado do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Domingos de Araújo Afonso. — Figurinos e scenários do ex.<sup>mo</sup> sr. José

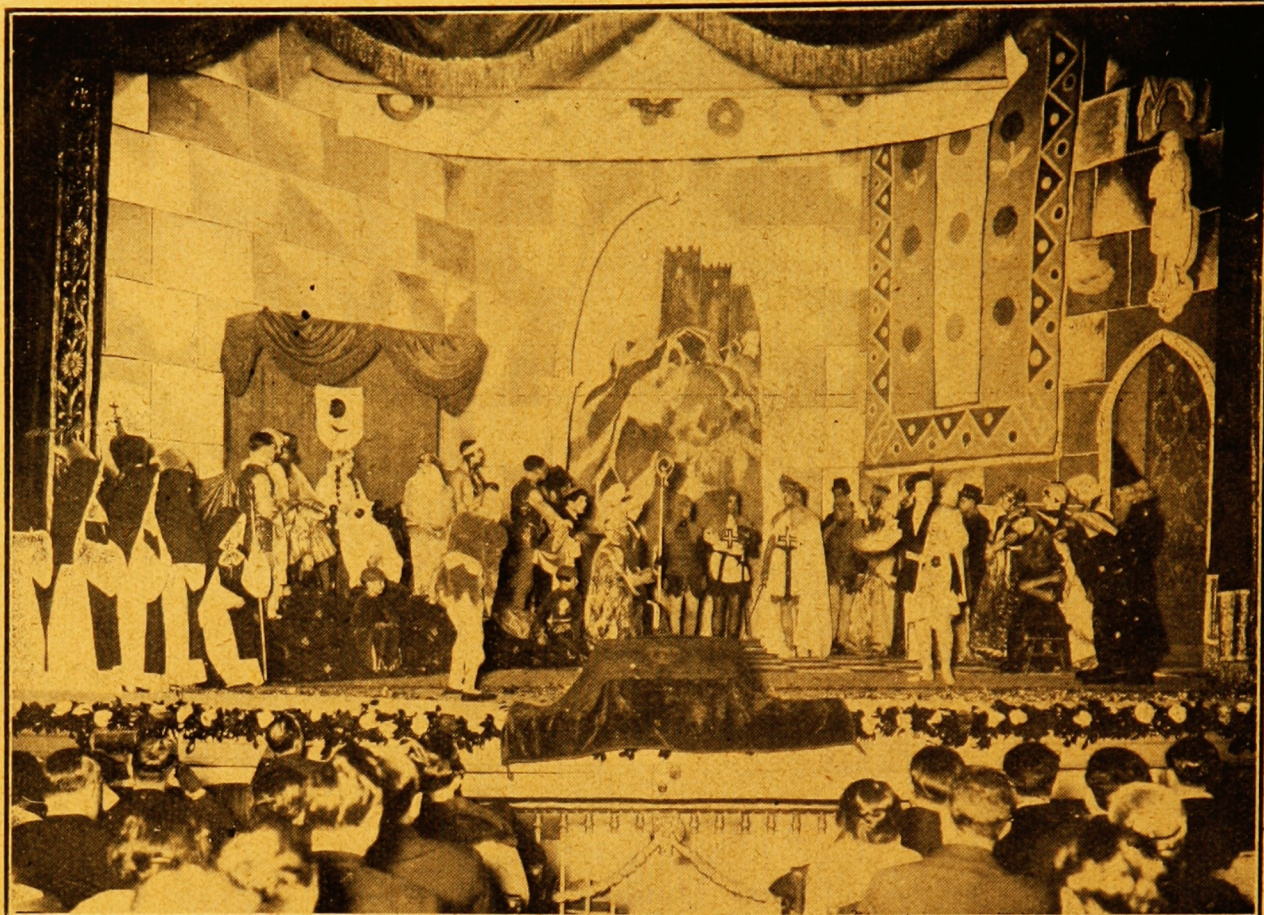
Luís Brandão de Carvalho. — Música: *Pavane pour une Infante defunte* de Maurice Ravel.

O DESPERTAR DOS BONECOS, quadro animado. — Diálogos do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Júlio Dantas. — Encenação do ex.<sup>mo</sup> sr. Barão de S. Lázaro — Scenários e figurinos do ex.<sup>mo</sup>



FESTA DA CRECHE — Uma scena do «Despertar dos bonecos»





FESTA DA CRECHE — A chegada do Cavaleiro na «Princesa amarelinha»

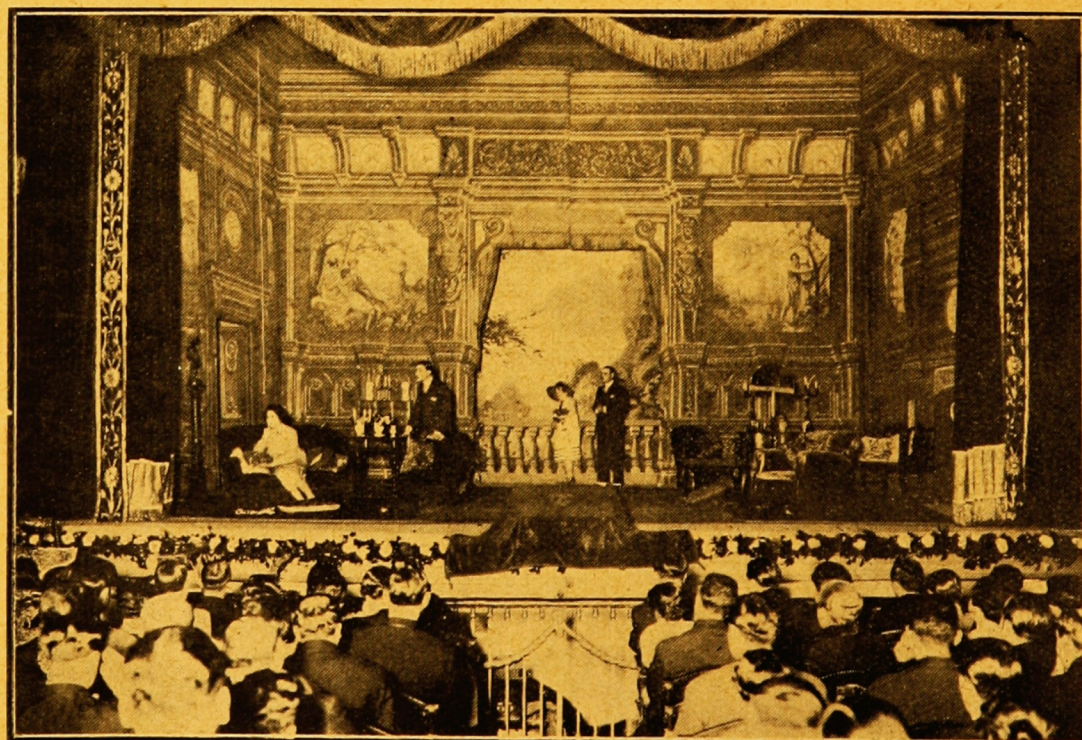
sr. José Luís Brandão de Carvalho. — Bailados do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Domingos de Araújo Afonso.

FLORES QUE SE DESFOLHAM, comédia



em 1 acto do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Vasco de Mendonça Alves.

NÃO TEM TÍTULO, comédia farça em 1 acto.



FESTA DA CRECHE — A scena culminante das «Flores que se desfolham»

A PRINCESA AMARELINHA, formoso quadro medieval, escrito para esta Festa de Caridade pelo insigne Poeta António Correia de Oliveira. — Encenação do ex.<sup>mo</sup> sr. Barão de S. Lázaro. — Cenários do ex.<sup>mo</sup> sr. José Luís Brandão de Carvalho.

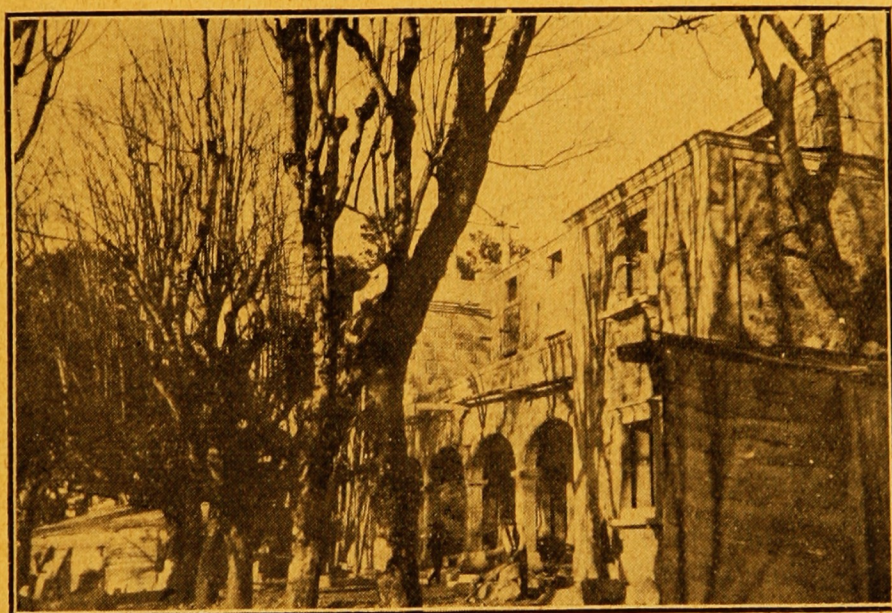
\*

No espectáculo foram: Director de scena, o ex.<sup>mo</sup> sr. Barão de S. Lázaro. Director da decoração, ex.<sup>mo</sup> sr. José Luís Brandão de Carvalho. Contra regra, o ex.<sup>mo</sup> sr. José Maria Peixoto de Almeida. Ponto, o ex.<sup>mo</sup> sr. Adriano Rodrigues.





*BOM JESUS — Braga — Projecto do Casino em construção*



*BOM JESUS — Braga — Estado actual das obras de construção do Casino*



*BRAGA — Frontal do Altar mor da Sé Primaz. Formosissimo baixo relevo de estilo manuelino*





*PORTO. — O ministro do Interior. — Chegada de Sua Ex.<sup>a</sup> à estação de S. Bento. Entre outras auctoridades vïam-se o sr. Governador Civil e Comandante da 1.<sup>a</sup> Região Militar.*



*PORTO. — O sr. ministro do Interior passa em revista às tropas que lhe faziam guarda de honra na Estação de S. Bento.*





LISBOA. — A «Festa da Violeta».

(Cliché A. Salgado).



LISBOA. — O Senhor dos Passos da Graça. Depois da vestidura da nova túnica.  
No Camarim do Senhor.

(Cliché A. Salgado)



## Escola paçã

João Oven disse a um áulico da côrte, advertindo-o de como costuma andar desviada da virtude a grandeza do mundo.

*Se és bom, não grande, e só melhor, altivo*

*O paço te fará :*

*Se és grande, em cortezão superlativo*

*Maior e não melhor, te chamará.*

## Delicado encómio

O Conde Duque dando o lugar de Presidente da Relação de Castela a D. Fernando de Contreras o fez com êste cumprimento: El-Rei, lhe tem feito mercê do primeiro officio do Reino, por que em não pretender nenhum há conhecido que os merece todos.

## Familiar de imperadores

Um romano convidou a jantar Octaviano César, porém como o tratasse com nímia familiaridade, lhe disse o Imperador:— Certo não julgava eu que eramos tão amigos!

## Ora toma...

Despedia-se do sículo Dionísio o filósofo Platão, e aquele lhe perguntou se em Átenas falavam mal dele os filósofos. Ao que respondeu Platão:— Não estão ó rei, tão ociosos os filósofos atenienses que se lembrem de falar de Dionísio.

## Tribunal de apelação

Notificaram ao Delfim, que depois foi Carlos VII, a sentença assinada por seu pai, e pelo rei de Inglaterra seu inimigo, na qual o davam por incapaz de suceder na corôa. E êle respondeu: «Apelo!»

Como lhe perguntassem, admirados, para quem, respondeu:— Para o meu ânimo e para a minha espada.

E o que foi certo é que a apelação foi bem sucedida.

## Bem respondido

Empedócles se queixava de não encontrar um homem sábio. Com razão, retrucou Xenófanes, por que, para o encontrar, é necessário sê-lo.

## Para onde ia a atenção

Perguntaram a Ovídio o que tinha visto em Roma, e respondeu:— «Virgílio apenas.»

## Milagre de nova espécie

Na igreja de Nossa Senhora da Penha de França foi posto um ex-voto, com a seguinte dedicatória: «Milagre que N. Senhora da Penha, fez a N., em livrá-lo de quatro médicos que o assistiram numa doença.

## Bem prèga Frei Tomás

Sidónio Apolinário disse galantemente de certo magistrado havido por pouco escrupuloso:

«Não cessa de fazer, ou de castigar furtos.»

E o nosso P. António Vieira diz que não era zêlo de justiça, mas inveja; queria tirar os ladrões do mundo, para ser o único do officio.

## A fortuna da riqueza

Marcial dizia com graça a Emilião que os favores se prestam sempre a quem menos precisa:

*Se és pobre, o serás sempre, Emilião,*

*Porque riquezas, a ricos só se dão.*

## Medidas de precaução

Selim I, rei dos Turcos se barbeava, contra o costume de seus antecessores que não faziam a barba. E como lhe perguntassem a causa, respondeu: não suceda que os meus conselheiros me levem por elas para onde lhes parecer, como fizeram a meu pai.

## O agradável e o útil

Lisias, orador célebre, recitou a Sócrates uma discreta apologia que fizera para defeza do filósofo. E Sócrates comentou:— Imaginosa e elegante oração! mas não serve para Sócrates.

Lisias comentou:— Se a julgas boa, como dizes que te não serve?

E Sócratesolveu:— Pois não pode succeder que uns sapatos estejam muito bem feitos e comtudo me não sirvam?